

Mariana Reis

O Homem
da Cabeça
de Olho

Salvador, novembro de 2010

Mariana Reis

O Homem
da Cabeça
de Olho

Salvador, novembro de 2010



Projeto Gráfico:

Idea Design

Supervisão Gráfica:

Washington Falcão

Editoração Eletrônica:

Humberto Farias

Impressão:

Egba

Reis, Mariana.

O Homem da Cabeça de Olho/Mariana Reis -

— Salvador: M. Reis, 2010.

Orientador: Professora Doutora Leonor Graciela Natansohn.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Comunicação Social
com Habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação,

Universidade Federal da Bahia, 2010.

82p. 21 X 15 cm.

Edição do Autor.

1. Leonídia, a Louca do Solar.
2. O Juliano é gente.
3. O Homem da cabeça de olho.
4. Criando mundo novo.
5. Raimundo, em três atos.
6. Barbara, a guia.
7. Um fado chamado Zezé.

"Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair não deixam eu passar pelo portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no portão
Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais.

Eu estava com saúde
Adoeci
Eu não ia adoecer sozinha não
Mas eu estava com saúde
Estava com muita saúde
Me adoeceram".

Stela do Patrocínio [in Reino dos Bichos e dos Animais é meu nome].

Para Roza, Paulo e Juca,
minhas melhores histórias, e Bel,
que começou esta daqui.

Mariana Reis

Sumário



Prefácio:

A primeira vez que vi o Juliano 11

O Homem da Cabeça de Olho:

Leonídia, a Louca do Solar 17

O Juliano é gente 27

O Homem da cabeça de olho 37

Criando mundo novo 43

Raimundo, em três atos 51

Barbara, a guia 61

Um fado chamado Zezé 67

Agradecimentos 77

Referências Bibliográficas 80

Mariana Reis



A primeira vez
que vi o Juliano

Com pouco mais de 18 anos apareceu a primeira oportunidade de emprego. Na verdade, o fascínio capturou apenas uma parte da frase: Hospital Juliano Moreira. Trabalhar em uma unidade de saúde psiquiátrica tem uma aura de mistério hollywoodiana e a imaginação voa muito antes de pisar o terreno dos desvairados cobertos de pulgas e sujeira.

O tal Juliano Moreira devia de ser um vão enorme com janelas gradeadas imensas e milhares de camas, quase brancas, enferrujadas. Uma enfermeirinha de jaleco alvíssimo, coque banana no alto da cabeça louira e uma pranchetinha anotando sem parar as milhares de sessões de eletrochoque.

Na minha cabeça hospício era breu. Era tanto que não adiantava José Saramago insistir no seu "Ensaio sobre a cegueira" naquele mar de leite. As páginas iam e vinham e lá estava o manicômio - depósito de gente contagiosa - no breu absoluto da minha cabeça. O espanto explodiu quando Fernando Meirelles me obrigou a enxergar um hospício iluminado, na versão da trama para o cinema. Apenas seguiu as palavras de Saramago que eu era incapaz de transmitir ao cérebro de menos de 18 anos.

O tempo passou e resolvi aceitar a aventura de pensar a comunicação naquele espaço incomum. O primeiro passo era, enfim, ver que cara tinha esse Juliano Moreira. A boca abriu um tanto com a primeira impressão: cores.

Apesar de tímidas, o Juliano era um enorme pavilhão com inúmeras corezinhas. Tinha o amarelinho das paredes do segundo andar, o verdinho do piso do terceiro, o rosinha dos uniformes, a árvore de tinta guache e o arco-íris descascando no "corredor dos crônicos". E muita gente com cara de gente.

A paixão pelo ambiente atípico foi tomando conta. Às vezes era por pura questão de sobrevivência. Não se apegar às corezinhas, aos vazamentos, ao cheiro marcante de fumo e urina, era tornar a rotina duas vezes mais pesada que o próprio corpo. No fim do dia, colher um sorriso aqui e ali tornava mais fácil essa vida de hospício. Porque quem trabalha no Juliano - e muitos o fazem há décadas - tem que ter também "parafuso solto" e aguentar, com risinho amarelo, as piadas invariáveis de "cuidado, que você acaba nunca mais saindo de lá".

Esses que apontamos como loucos também percebem o medo e a nossa insatisfação de cobrir evento no fim de tarde de sexta-feira. Não há escolha, senão construir o respeito por eles. E se você marcha para internação muito impaciente, talvez impliquem com seus colares e três pessoas tenham que o ajudar a afastar a mulher enorme e nua que se pendurou no seu pescoço.

Há quem prefira viver no próprio mundo. E dezenas de pequenas ilhas vão se cruzando no corredor e trocando cumprimentos. A postura, na verdade, é mais luxo dos setores administrativos. Decorando bem a sala com fotos dos parentes, perfumando-a com aroma de rosas e pendurando florezinhas de pelúcia nas maçanetas pode vir a sensação de que aquela é uma sala normal, de gente normal, de um lugar normal. Em momentos de profundo cansaço, tentei essa técnica. Mas ali, no meio do expediente, alguém soltava um grandioso "puta que pariu", quebrava alguma porta de vidro ou arrancava parte da cabeça de bronze da estátua de Juliano Moreira. A ilha estremecia e a farsa acabava.

O melhor a fazer é entrar no clima de Juliano. Sorrir o melhor sorriso, fazer o olho brilhar, acolher os elogios, tentar acalmar os insultos. São pequenas batalhas cotidianas, mas quando a mulher nota o sorriso e diz que você tem o autêntico perfil de paqueta o dia está ganho. E ela segue com você pelo corredor, muito carinhosamente oferecendo o contato de Xuxa e desejando que venham logo "zilhões de dinheiros" para sua conta. É assim que, prontamente, você é fisgado.

O único problema é que, depois de trabalhar por um ano em um hospital psiquiátrico, eu estava cheia de textos. No início, todos os que vivem no mundo "normal" estão muito curiosos para entender um universo Juliano. Durante vários encontros contava pequenas passagens engraçadas e outras assustadoras: alimentando ainda mais seus cérebros das fantasias hollywoodianas que estão acostumados. Depois ficou comum achar tudo simplista demais. E um pouco mal-educada adotei uma resposta automática quando perguntada pela experiência Juliano Moreira: só escrevendo um livro.

O livro não fluiu naturalmente. Pois, se os textos já estavam bem escritinhos na mente, não pularam para o papel com essa facilidade toda.

Porque hospital psiquiátrico, ou qualquer sinônimo equivalente, não é obviedade ou punhado de anedotas engraçadinhas. É lugar de gente vista como marginal e apontada muitas vezes como podre.

Juliano é, sim, modelo falido e ao mesmo tempo redenção. É gente que ganha salário mínimo para limpar fezes de gente crescida. É plantão de 12 horas dando banho, conversando sobre futebol, curando ferida, ouvindo coisa feia. É receber murro nas costas e acordar na manhã seguinte, banho tomado, jaleco branco, para recomeçar rotina.

Juliano é também depósito. É gente babando, sem dente, pés descalços, dedos amarelos de cigarro. É tristeza indescritível, é fedor, enjoo. É ânsia de vômito. Às vezes cara de manicômio, de asilo, de prisão. Raramente de hospital.

E quando as certezas vão quase formando o absurdo de manter esse sistema, o Juliano o puxa pelo pé. E você conhece gente doce que buscou a morte, hoje desperdiçando sorriso pelos corredores. Gente que agora tem carteira assinada e crachá pendurado no pescoço. Antes corpo entregue à alucinação de droga, 24 horas imerso no horror, e hoje pai brincando de boneca com a filha. É gente que perambulava de uniforme rosa - chá e que agora vai à praia aos domingos e come pizza com coca-cola.

Esse livro foi a única alternativa de aquietar os textos que nunca calaram dentro de mim. É para fechar o ciclo Juliano simbolicamente. Porque, na verdade, o hospício nunca o abandona, seja você um dos cozinheiros responsáveis pela broa de milho ou o psicólogo que ouve atento os lamentos. Resta escolher o quanto de beleza e o quanto de tristeza se quer guardar. Porque em lugar que tem gente sempre há mais de um lado para escolher.

Que seja esse um grito tímido para mostrar a beleza dessas pessoas loucas e de quem dedica sua vida a entendê-las e respeitá-las. É a tentativa de tocar os inúmeros preconceitos que nos pegam desprevenidos no final do dia. Alguns provavelmente passaram despercebidos da cabeça para as páginas desse livro. Mas não haveria outra forma de contar a história do Juliano. Politicamente correto nem sempre é livre de preconceito. E se é história de manicômio em pleno século XXI que seja uma história tímida, insegura e imperfeita.

Esse livro é um perfil do Hospital Juliano Moreira contado pelo cachorro Ceninha, pela noiva do poeta Castro Alves, pelo homem de azulejo que enfeita a parede, por cozinheiros, vigilantes, pelas pessoas que um dia foram lá internadas e pelo próprio hospital.

Todas as personagens são reais, com nomes reais, apenas optando por retirar os sobrenomes Todas as personagens são reais, com nomes reais, apenas optando por retirar os sobrenomes como forma de preservá-las.

Dessa forma, é uma história meio torta e fragmentada: cada um colocando um pouco de cor no quadro. E, como a figura que ocupa o mosaico no segundo andar do hospital, tentei ser o próprio "Homem da Cabeça de Olho" - buscando, ao máximo, mais observar o Juliano do que interferir, mais guardar cada gesto das personagens do que julgar.

E haveria mais "zilhões" de outras histórias e sorrisos para contar. Numa vida não caberia, muito menos em um livro. Os muitos ensinamentos, as constantes trocas, os profundos conceitos de "normalidade" sendo quebrados todos os dias. A gratidão pelos que partilharam suas vidas sem medo, inclusive as fases mais difíceis. A admiração pelos que trabalham sem descanso para ajudar ao máximo - fora do horário de trabalho, mesmo que o chefe não reconheça.

Esses outros textos vão ter que continuar em mim. Só que mais presos ao coração.

Mariana Reis



Leonídia,
Louca do Solar

O corpo deve ter mais de 80 anos. Cabelos desgrenhados, olhos escondidos na beleza de ontem. A "Louca do Solar" vai se arrastando pelos corredores trazendo junto ao peito seu tesouro: alguns trapos e um baú com um diário.

Duvidariam do tempo em que era princesa nos salões de Cachoeira. Duvidariam dos longos cachos negros, da boca insinuando sorriso, do nariz afilado, da sobrancelha grossa. O corpo vagando solto na enfermaria do "Asylo São João de Deus" costumava ser Fraga, influente nos municípios de São Félix, Cachoeira, Santo Antônio de Jesus e Muritiba.

Em tempo já distante o corpo costumava ter nome. Chamavam-na Leonídia e prendiam seus cabelos com laço de fita. Hoje é aquela de fala confusa e olhar distante, já sem tempo para as longas canções tocadas ao piano. Leonídia Fraga agora é um dos casos de "psicose de involução" que come algo preparado na cozinha do térreo, dorme em uma das dezenas de camas espalhadas nas enfermarias e que talvez tenha medo do necrotério junto à entrada do Solar da Boa Vista.

O Solar, desde 24 de junho de 1874, é internação para os "alienados" da cidade de Salvador. Anos antes abrigava a infância de Castro Alves. A propriedade, comprada pela Santa Casa de

Misericórdia, pertencia à chácara Boa Vista, localizada na antiga Freguesia Nossa Senhora de Brotas. E está imortalizada nos versos do poeta desde o dia 18 de novembro de 1867, quando Castro Alves escreveu "A Boa Vista". Estava oito anos longe do lugar em que viu a mãe, Clélia Brasília, morrer.

Era uma tarde triste, mas límpida e suave...
Eu - pálido poeta - seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitário,
Como um filho, que volta ao paternal sacrário,
E ao longe abandonando o murmúrio da cidade -
Som vago, que gagueja em meio à imensidade, -
No drama do crepúsculo eu escutava atento
A surdina da tarde ao sol, que morre lento.

E o mar, corcel que espuma ao látego do vento...
Longe o feudal castelo levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre!
Ei-lo soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,
E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tetos, que a seus pés parecem de joelhos!...
Não! Minha velha torre! Oh! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora:
"Por que não volta mais o meu senhor d'outrora?
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro"

É nisto que tu cismas, ó torre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitária a estrada.
No entanto eu estrangeiro, que tu já não conheces-
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.
Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!

Povoam-se estas salas...
E eu vejo lentamente
No solo resvalarem falando tenuemente
Dest'alma e deste seio as sombras venerandas
Fantasmas adorados - visões sutis e brandas...
Aqui... além... mais longe... por onde eu movo o passo,
Como aves, que espantadas arrojam-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo - bando alado
- Roçam por mim as asas voando p'ra o passado.

(in Espumas Flutuantes, 1870).

Os fantasmas estão presos na casa. As lendas começaram em 1798, com o negreiro e segundo proprietário, Manuel José Machado. Na Freguesia corria sua fama como o perverso Machado da Boa Vista e, quando a família Castro Alves mudou-se para lá, em 1858, ainda falavam dos horrores que viviam os escravos naquele terreiro. Talvez venha daí a inspiração abolicionista do poeta, criado com as histórias da ama Leopoldina e da velha Janinha, que morava em um casebre perto do portão da chácara.

Agora, anos depois, é provável que o relógio na torre do segundo andar, anunciando a noite, faça Leonídia lembrar os fantasmas. E lembrar o amor que a mantém viva no "Asylo São João de Deus". O amor que é sua vida e sua ruína. Ao menos, resta o título. Essa senhora, que divide o quarto com dezenas de outros "alienados", é a noiva do poeta Castro Alves. E pertencerá a ele até o último dia de sua vida.



Leonídia¹ nasceu Menezes Fraga, em setembro de 1844. Batizada aos dez meses, em 27 de julho. Veio nos braços dos pais, Francisco de Oliveira Fraga e Maria Joaquina de Menezes Fraga. Naquele domingo, foi consagrada com o batismo na igreja matriz da Freguesia de São Pedro de Muritiba. Alguns dizem ter sido a mesma pia em que foi também batizado Antônio Frederico de Castro Alves, o poeta.

O destino dos dois ainda se cruzaria por três vezes. Quando crianças, partilham gosto de infância, vivendo na mesma rua em São Félix. Na adolescência, descobrem admiração mútua e, já adultos, Leonídia entrega seu coração, sem ser correspondida na intensidade que deseja. É um amor de versos, de olhares. Provável que nem os lábios tenham se conhecido.

¹ Todas as informações históricas relacionadas à personagem foram tiradas da biografia "Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves"

Na última vez em que se encontram, Castro Alves está fraco pela tuberculose e chega apoiado por muletas, tendo amputado o pé esquerdo após acidente durante uma caçada. Procura descanso em Currálinho, município baiano que posteriormente ganha o mesmo nome do intelectual. Currálinho é também o lugar em que encontra novamente a amizade de Leonídia.

Depois de meses no seu sertão, o poeta resolve partir para Salvador. Mas, antes de deixar Currálinho, em 29 de abril de 1870 dedica a Leonídia, sua flor serrana, "O Hóspede". Seria a última viagem de Castro Alves.

Em sinal de agradecimento, ela guarda os versos no seu baú junto ao caderno de nome "Pensamentos". O Poema diz assim:

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fores;
Como as brisas que passam doudas, leves,
E não tornam atrás a ver as flores.
Teófilo Braga

"Onde vais estrangeiro! Por que deixas
O solitário albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Por que transpor o píncaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto?..."

"Onde vais, estrangeiro? Por que deixas
Esta infeliz, misérrima cabana?
Inda as aves te afagam do arvoredó...
Se quiseres... as flores do silvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

"Queres voltar a este país maldito
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua história... mas que importa?...
... Bóia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

"Não partas, não! Aqui todos te querem!
Minhas aves amigas te conhecem.
Quando à tardinha volves da colina
Sem receio da longa carabina
De lajedo em lajedo as corças descem!

"Teu cavalo nitrindo na savana
Lambe as úmidas gramas em meus dedos.
Quando a fanfarra tocas na montanha,
A matilha dos ecos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.

"Onde vais, belo moço? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pajem?
E quando a negra insônia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora.
Há de cantar-te seu amor selvagem?

"A choça do desterro é nua e fria!
O caminho do exílio é só de abrolhos!
Que família melhor que meus desvelos?...
Que tenda mais sutil que meus cabelos
Estrelados no pranto de teus olhos?...

"Estranho moço! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros países,
Por entre as balsas de cheirosas lises,
A esposa que tua alma assim procura?

"Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palácio em lugar de uma choupana.
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente de ideal desejo
Nos seios virgens da infeliz serrana!..."

No entanto Ele partiu!... Seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
... Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O fantasma sequer de uma esperança!...

(in Espumas Flutuantes, 1870).

Às três da tarde de 06 de julho de 1871, morre Castro Alves e Leonídia vai um pouco com ele. Ainda se casa, em 1876, com o primo Deraldo Magalhães e, do enlace por conveniência, nasce a filha Maria José. O bebê vive apenas seis meses. A dor, então, toma posse definitivamente da sua vida. E a história se encarrega de apagá-la mais um pouco.

Estima-se que em 1913 tenha sido internada no João de Deus, atual Hospital Juliano Moreira, e ali tenha seguido até data incerta para os pesquisadores. A única certeza é a do ano de seu falecimento, em 1927.

Talvez tenha se apagado, silenciosa, em uma das dezenas de camas da enfermaria - vela de chama tímida. Ou talvez a tenham trançado os cabelos brancos com laço de fita, do jeito que gostava, e tocado uma de suas canções favoritas ao piano. E, talvez também, tenha sonhado a volta do seu amor. Os dois juntos partilhando versos e a Boa Vista.

Mariana Reis



O Juliano é gente

Quem passa pela rotatória do bairro de Narandiba raramente nota no letreiro as três consoantes meio apagadas pelo sol. Os mais atentos certamente percebem o grande fluxo de ambulâncias e viaturas policiais que sobem a ladeira tímida, todos os dias, vindas das mais diversas cidades do estado baiano. HJM é de Hospital Juliano Moreira, o terceiro e atual nome do que começou Asylo João de Deus, no Engenho Velho de Brotas, última morada de Leonídia Fraga.

Essa história tem início com a compra da antiga casa do poeta Castro Alves, em 24 de junho de 1874, pela Santa Casa de Misericórdia. Em 01 de maio de 1922, o Asylo passa a ser chamado Hospício e, em 27 de agosto de 1936, a homenagem ao psiquiatra baiano Juliano Moreira, falecido quatro anos antes, carrega de significado as três letras que aparecem na placa de Narandiba. Finalmente, em 18 de março de 1982, a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia reserva parte do que seria um anexo do Hospital Roberto Santos para a construção da atual sede. Na Av. Edgard Santos, sem número, CEP: 41.211-005 nascia o Hospital Juliano Moreira de hoje.

O hospital totalmente vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS) tem setores funcionando 24h. A média diária é de 25 atendimentos no Serviço de Emergência, Triagem e Acolhimento (Seta), 30 no Centro Docente Assistencial de Narandiba (Cena) e 180 no Ambulatório. Há também 16 leitos no Pronto Atendimento e 147 reservados ao serviço de "internação integral", distribuídos em quatro módulos. O hospital é o único em Salvador com alas

exclusivamente femininas e que, de segunda a sexta-feira, disponibiliza consultas psiquiátricas, odontológicas, de enfermagem, psicologia, serviço social, terapia ocupacional, psicoterapia individual ou em grupo, terapia familiar, atendimento psicossocial, eletroencefalograma (EEG) e entrega de medicamentos de alto-custo.

Lá também estão disponíveis à comunidade importantes documentos. Do lado direito da recepção, um corredor comprido leva ao Memorial Professor Juliano Moreira, biblioteca de referência nacional em medicina psiquiátrica e com registros sobre a carreira do psiquiatra homônimo e da história da instituição, desde os tempos do João de Deus. Carla, a bibliotecária dos cachinhos louros, estende o livro com Leonídia na capa. E mostra um outro, azul-petróleo, em destaque na biblioteca. Na primeira página, o versinho ganhador do IV Concurso Nacional de Pintura e Poesia Arte de Viver, de autoria de José Cláudio Ferreira de Brito, usuário que vive no Rio de Janeiro:

Morte e Amor

Amor, te amo.
Se não me amas,
A morte amo.

Toda a estrutura do HJM é movimentada pelo batalhão de 602 funcionários concursados ou vindos de empresas terceirizadas. São psiquiatras, psicólogos, auxiliares e técnicos de enfermagem, dentistas, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, cozinheiros, seguranças, copeiros, costureiras, motoristas, farmacêuticos, secretárias, operadores de fotocopiadora, jornalistas, porteiros, nutricionistas, assistentes sociais, bibliotecários, auxiliares de serviços gerais, técnicos em informática e

em manutenção predial, profissionais de educação física, oficinairos, artesãos, auxiliares administrativos, almoxarifes, arquivistas, telefonistas, recepcionistas, estagiários, residentes em medicina psiquiátrica e psicologia clínica e pesquisadores.

Alguns estão há mais de 30 anos no mesmo cargo, outros em jornadas temporárias que não sabem ainda explicar a função que exercem. Apenas acordam todos os dias, respiram fundo e vão para o Juliano fazer seu trabalho.



O Juliano é, assim, quase gente. De forma tão marcante que as próprias pessoas o tratam pelo primeiro nome. De fato, é cheio de particularidades dignas de sua personalidade forte. Exemplo é seu humor que muda de acordo com a lua e os dias da semana.

As segundas marcam um Juliano irritado pelo já distante descanso no sábado e domingo. O ar parece sólido e as pessoas fervilham um pouco de surto, impaciência e desânimo. Antes das oito da manhã, a fila da farmácia que distribui gratuitamente medicamentos controlados dá voltas no primeiro andar. Em sua maioria, mulheres com cara de mãe e de sono.

Nas segundas é raro faltar sabonete de maçã-verde no banheiro ao lado da recepção, no almoço tem suco de tamarindo e, de sobremesa, laranja com casca e tudo. Segunda-feira é o dia em que o Juliano cheira mais forte. No segundo andar, onde os corredores da internação se cruzam, flutua uma nuvem de odor quase sólido de fezes, urina e pacaia - tipo de fumo barato.

A emergência fica, invariavelmente, apinhada de gente. O organizador de escovas de dente, pendurado na parede do posto de enfermagem, sempre está lotado. O organizador nada mais é do que uma

tira de tecido cru com pequenos bolsos individuais. Lado a lado, de todos os tamanhos, com cores variando do branco ao vermelho, repousam quietas as escovas de dente. Cada uma em seu bolso, numeradas de um ao dezesseis em algarismos romanos.

Segunda-feira é um dia confuso para os funcionários do setor. Enrolados para dar conta do trabalho administrativo acumulado nos dois dias anteriores e, ao mesmo tempo, tendo que lidar com as ambulâncias e viaturas policiais gritando com suas sirenes a chegada de mais usuários do serviço de saúde mental.

Daniel, técnico de enfermagem do Pronto Atendimento, entende o Juliano e se acostumou ao clima tenso de segunda-feira. É o dia que menos gosta de dar plantão. Em seu uniforme branco, rasgado nas mangas para que sirva no corpo grande, apesar do dia instável, luta para manter a doçura característica do sorriso. Deve ter algo próximo a 1,90m de altura e pesar mais de cem quilos, porte invejável para função que desempenha. Ainda não chegou aos trinta, mas seus olhos - às vezes azuis, noutras verdes - já vivem essa rotina esquisita de hospital psiquiátrico há dez anos.

Na comum segunda-feira de um 23 de agosto, Daniel teve de registrar a evolução de todos os usuários durante o final de semana, o medicamento a que foram submetidos, o comportamento de cada um, as transferências internas e as altas.

A permanência máxima dos usuários na emergência é de 72 horas. Depois desse período, podem ser transferidos ao Cena, um hospital-dia anexo ao HJM. Lá o usuário participa de atividades terapêuticas durante a manhã e a tarde e dorme na própria residência.

Outra opção é o Núcleo de Atenção à Crise (Nac), um pavilhão com grandes quartos emoldurados por janelas que deixam passar pouco de sol e vento, com oito camas em média. O Nac é uma estrutura de grades brancas e paredes variando os gritos entre "John Lennon não morreu" e "Jesus Cristo é o Senhor", um posto de

enfermagem com visão geral do ambiente e um refeitório com mesas largas e bancos sem encosto. Lá a televisão de 14 polegadas, encarcerada em um armário transparente, quase sempre está sintonizada na Globo, mas é comum passar despercebida. Do lado de fora, um pé de acerola, uma mangueira e dois bancos em que os parentes seguram as mãos das pessoas agora em uniformes monocromáticos. No Nac, a permanência máxima é de 12 dias, salvo gestantes, idosos e portadores de doenças crônicas, que podem ter o prazo estendido se não recebem alta. Depois do prazo, havendo necessidade, são conduzidos a um dos módulos de internação integral.

Os módulos tem estrutura similar. Grandes quartos, grades separando as unidades, John Lennon nas paredes. Não tem pé de acerola, mas lá na Área de Lazer, tem uma quadra de esportes para o baba do final de semana. E tem um quiosque para as festas de Natal e São João com famílias carregando seus adesivos de "visitante" no peito, quase animadas.

Ao tempo em que anotava no caderno aquela segunda-feira, Daniel fez a transferência de uma jovem universitária em surto para o Cena, ajudou uma senhora que se via criança a "fazer cocô" e falou do seu gostar de ser só, de vez em quando. E os olhos verdes-azuis acompanharam o ambiente sempre em alerta, com medo do golpe que nunca descarta.

Essas coisas da rotina das segundas-feiras.

Os outros dias da semana vão menos marcantes. Entre terça e sexta, Geovane, diretor administrativo, se divide em coordenar a equipe de manutenção para conter um vazamento recorrente e uma licitação de medicamentos de alto custo. Logo na sala ao lado, Aline, secretária do diretor geral, agenda reuniões e sonha seu casamento nos intervalos. Ou talvez a cabeça vá mais ocupada de sonho do que os breves momentos de descanso.

As opções no refeitório não passam do feijão simples e inúmeras variações de frango. Na sobremesa, pé de moleque. Como as pessoas vão almoçar um pouco desanimadas, Janete, do setor de Recursos Humanos, guarda um truque. No fundo do seu armário, uma vasilha transparente com brigadeirinhos em suas formas brancas. Cinquenta centavos, em tom quase ilegal, e um a um vão segurando nas mãos sua porção de prazer do dia.

Quarta-feira, certamente, o acontecimento é o cozido, lá no refeitório. É o dia em que as pessoas sobem mais cedo para o segundo andar para enfrentar a já tradicional fila. A variedade de aipim, abóbora, batata do reino, batata-doce, cenoura, maxixe, quiabo, bem temperadinhos, podem formar 99 diferentes combinações. Adicione à conta as variáveis “pirão”, “arroz” e “carne”, e Xande, o cozinheiro sócia do cantor, terá tanto trabalho em montar os pratos quanto em fazer a conta. E, depois que desce o pirão, vão todos muito em silêncio, de forma que é comum encontrar as pessoas dormindo por cima das suas mesas na sala de Arquivo.

Quase no fim da semana, Marta, coordenadora do RH, mistura português com seu espanhol colombiano e, entre um cigarro e outro, tenta ajudar os estudantes que vão pesquisar as inúmeras faces do Juliano. Raimundo, do serviço social, passa nos setores e se oferece para lavar os carros. Cinco reais, ou mais um pouquinho se o cliente desejar um polimento caprichado com cera. É o período

também que Gersonita deixa o Memorial e segue para o financeiro. Vai mostrar, animada, as novidades do catálogo mais novo da Avon, rezando para que Gemima se interesse por algo e engorde um pouco o dinheirinho do final do mês.

Ceninha, o vira-lata que um dia subiu a ladeira do Juliano e foi ficando, se esparrama mais um pouco no tapete da porta da frente. É um cachorro branco de orelhas e manchas pretas que resolveu prestar seus serviços de vigilância. O cuidado especial com o Cena deu origem ao seu nome. Durante a semana, é comum encontrá-lo ao lado do segurança de plantão recepcionando os que entram. Às vezes chega bem perto e fareja o visitante para ter certeza das suas boas intenções. Mas geralmente é tranqüilo e só implica com os cachorros vagabundos que entram para perturbar seu hospital.

Numa quarta-feira dessas, Marco Antonio, o vigilante baixinho da ala dos usuários crônicos, jurou amor eterno à mulher de uniforme amarelo. Aproveitando a distração momentânea de Marco, ela escapuliu pelo portão e foi desaparecendo pelo corredor do refeitório. Marco tinha só o sorriso como recurso para convencê-la a voltar a seu módulo. A mulher impôs a condição de que ele assumisse o filho que acreditava carregar no ventre. Ele a abraçou e sorriu com seu rosto muito redondo, confirmando sua responsabilidade e trazendo-a de volta para a ala.

Todas as tardes de quinta-feira é dia de cinema para os usuários. Eles vem, aos pares, com seus uniformes e acompanhantes. Junto a enfermeiros, psicólogos e técnicos chegam ao auditório como se organizassem uma excursão para outro mundo. Alguns parecem um pouco moles e, ao se depararem com o mar de cadeiras enfileiradas no escuro, preferem tirar um cochilo. Mas, há quem grite e se revolte com a situação da mocinha, prestes a cair nas garras do bandido.

Muitas vezes, a sessão vira um grande debate e, se algum detalhe passa despercebido, sempre há voluntários para explicar a história desde a primeira cena. No dia seguinte, às 17h, tem a segunda exibição do CineJuliano. A sessão é para os funcionários, mas é comum que os usuários também se juntem ao clima festivo de pipoca quente e comédia dublada americana.

O clima é a cara do Juliano das sextas-feiras, incrivelmente ameno. Todo universo parece regido por regras particulares e intransferíveis. E, como boas regras, não necessariamente funcionando por um motivo definido. O fato é que nas sextas, de acordo com a regra, há qualquer tom de calma no ar e o vai-e-vem pelos corredores quase cessa por completo.

Os funcionários contam as horas para os dois dias de descanso e caminham vagorosamente até o refeitório para a fila mais preguiçosa da semana. Não por aquele trabalho que dá organizar as infinitas combinações do cozido de quarta-feira. É mais pelo gosto de comida baiana e coca-cola e a vontade de aproveitar cada momento. Sexta-feira é dia de sorvete de coco ou de creme com passas. Às vezes de picolé de cajá meio derretido. Picolés de coco só alguns escondidos para funcionários previamente selecionados. Os critérios de seleção nunca foram esclarecidos abertamente, mas é sexta-feira e ninguém reclama muito.

Quando Oswaldo ainda era vigilante do Juliano, era o único dia em que não espremia um limão no prato. O ritual era sempre o mesmo. Primeiro apertava uma das metades nos talheres, como em um processo sofisticado de esterilização. Depois, derramava todo o sumo ácido na comida. Todos os dias. Fosse panqueca, peixe, bife de caldo ou abóbora cozida - tudo quase só tinha gosto de limão. Mas na sexta-feira cumpria só a primeira parte do ritual e sorria, gigante, com seu pouco mais de 1,60m.

Nas sextas, os gritos não são comuns. É mais o cheiro de pacaia depois do almoço, os corpos deitados com displicência no chão e o último dia da semana para ver os corredores administrativos fervilhando de médicos, nutricionistas, auxiliares de limpeza.

Mariana Reis

Nos fins de semana, o Juliano é lugar das visitas, dos shows de música do coordenador da segurança, Nivaldo, dos que chegam à emergência e dos que nunca saem da internação. No sábado, a calma vira instituição. No domingo, sacramento.

E, de mansinho, o Juliano vai seguindo.



O homem da cabeça
de olho

É comum que cheguem em numerosos grupos e nunca se afastem do bando, empoleirados uns nos outros. Para algumas centenas de estudantes de medicina, enfermagem e psicologia, o Juliano é matéria que reprova. Obrigação. O Juliano é chute na boca do estômago, segunda-feira, doença infectocontagiosa, é sofrimento. Tem quem goste de colher maluquices engraçadas para boas piadas de mesa de bar e tem quem aproveite para repensar conceitos de normalidade e loucura, cruzando a fronteira invisível mil vezes antes do meio-dia.

Uma coisa é certa: o medo sempre vem junto. É bem por isso que a nuvem de jalecos brancos desliza tão unida pelos corredores do hospital. As mulheres de cabelos compridos prendem um longo rabo de cavalo, evitam brincos grandes e guardam na bolsa os relógios de pulso. Os homens amarram com força os cadarços dos tênis e às vezes fumam um cigarro antes de passar pela recepção.

Os professores chegam em jalecos levemente mais escuros e os conduzem a uma sala de aula, ao lado do memorial, e passam pequenas instruções. Normalmente, os estudantes são divididos em duplas - com a preferência por formar casais, a fim de assegurar maior proteção às mulheres.

Em poucos minutos, o grupo de branco varre o setor administrativo no térreo, passa pela farmácia e pelo corredor do ambulatório no primeiro andar e sobe, amontoados, a rampa que leva ao refeitório e aos módulos de internação. Na ponta da rampa, assinado por Bel Borba, um painel de azulejos multicoloridos chama a atenção.

Retratada no centro do desenho, em pastilhas pretas, uma figura humana que sustenta unicamente um olho no lugar da cabeça. Em volta, grandes espirais de cores vivas e desordenadas. Azuis, vermelhos e amarelos abraçam o homem da cabeça de olho e adornam seu posto de vigilância na parede amarelada do Juliano Moreira.

A rampa termina no Portão do Meio e os estudantes acham curioso ver que o portão é apenas imaginário. Apenas um segurança em uma extremidade, de farda preta e azul-bebê, sentado em sua cadeira sem braço. Nunca houve grade ou cavalete. Nenhum muro de concreto ou parede de compensado ou de isopor. As pessoas internadas simplesmente reconheciam a linha imaginária e estancavam.

Há poucos meses, funcionários do Juliano instalaram um balcão cinza com menos de 1,2m de altura e uma portinha de correr. E, agora, os usuários se debruçam no muro físico e gritam, às vezes carinho, noutras aflição, para os que passam apressados. A nuvem de jaleco branco respira mais aliviada e acena quase verde por sobre o murinho do Portão do Meio.

Estão se aproximando do seu destino final, logo depois da escada, à esquerda, ao lado da cozinha cheirando a broa de milho.

Quase dá para ouvir o barulho das máquinas de costura que nunca param os concertos dos uniformes, lá no corredor oposto. Na sala enorme, próxima a rouparia, ao setor de higienização, copa, manutenção e almoxarifado, as fardas em azul-marinho, rosa-chá, amarelo e verde passam e repassam pelas tesouras e linhas. E no primeiro acesso de raiva, lá se vai o trabalho em trapos pelo chão. Mais remendos, mais camisas de gola canoa, mais shorts unissex, mais chatice de cor.

A confusão das máquinas não surpreende os estudantes que vão seguindo pelo corredor comprido. Tão comprido que embaça a visão de quem procura seu fim. A grade, o cadeado, o corredor comprido.

Chegaram à "ala dos crônicos".

Quando o vigilante Marco Antonio destranca as grades, um frio corre pela espinha. Os estudantes talvez encontrem mil definições passando por suas cabeças, que podem ir de "curiosidade" até "apreensão". A verdade é que o corpo inteiro gela e eles não encontrariam palavras que explicassem. O coração para. É de medo mesmo.

Medo de sentir pena. De achar graça.

Aline, a secretária do diretor, apesar de conhecer o Juliano há anos, se arrisca pouco nessas bandas. E é só um nome entre tantos que pensam o mesmo. É medo dos olhos vendo o homem velho se masturbando como a primeira descoberta do corpo. É ver três adultos correndo, se estapeando e gritando por bituca de cigarro. É medo dos ombros pesados e do olhar alerta esperando golpe pelas costas. É medo de ver mulher sem dente, cuspidando água, assoviando cantiga.

A ala dos crônicos é como depósito vazio de esperança. Os uniformes abrigam corpos já cansados pela idade, esquecidos por famílias inteiras e marcados mais do que na carne por uma rotina de hospício, hospital psiquiátrico, manicômio, asilo. Muitos profissionais da área de saúde mental afirmam que esses crônicos dificilmente consigam ser reintegrados à sociedade. Porque já viram muito de sofrimento, sofrendo junto em seus mundos particulares. Anos de diagnóstico, drogas, pessoas de jaleco branco passeando meio sorriso.

Na ala dos crônicos, vem família com crachá de visitante colado no peito esquerdo. Vem uma, duas vezes. As vezes vão rareando até não tornar outra. A vergonha toma conta da casa que tem louco. Gente que toma remédio controlado, com aquela tarja preta na caixa, que não diz coisa com coisa, que fala sozinho. E a vergonha fica maior do que a ação, muitos chorando longe para não ver filho sofrendo de doença doida. E as pessoas de uniforme sentem saudade. O choro, os gritos, os palavrões sobem às alturas diante da visita adiada, do telefonema não dado, dos abraços vazios.

Um "bom dia" de um dos jalecos brancos opera pequenos milagres pelo corredor de piso verde. Uns usuários acordam por dois segundos e respondem de volta com todos os dentes. Outros cospem palavras e gestos apenas como celebração por alguém ter quebrado o tédio. A mulher que passa o dia inteiro penteando os cabelos solta o pente amarelo por três longos segundos, admira a sucessão de rabos de cavalo e volta ao seu ritual. O homem com a cruz tatuada no braço corre atrás do grupo. Quer fazer um telefonema. Só para perguntar por que a puta da mãe não aparece para tirar ele daquele lugar.

Mariana Reis



Criando Mundo Novo

O grupo de estudantes de jaleco branco deixa um setor por último na visita pelo Juliano. Não por ser o mais especial ou representar uma redenção no modelo de tratamento aos usuários. Provável é que os professores usem a mesma técnica dos telejornais: encham a tela de sangue, corrupção e crise econômica para, no final do programa, noticiar o nascimento de três bebês urso acabaram de nascer no zoológico de Salvador.

O último setor do tour Juliano Moreira nem é um setor. A porta no fim da ala dos crônicos abriga uma ONG voltada para a reinserção de usuários no mercado de trabalho. E, tão unidinhos, o grupo de jaleco aguarda Ivana, uma das coordenadoras, vir abrir o portão com seu chaveiro de tartaruga de papel.

No Criadundo não tem campanha. Seria um caos dar aos que circulam pelo corredor mais ferramentas para gritar copo de café e afago. Então, o único jeito de entrar lá é "dar uma de doido" e gritar sem parar pelo resgate que chega lento. Até Maria José, que também trabalha lá, passa um pouco torta no corredor dos crônicos, rezando para a tartaruguinha de papel a colocar dentro do Criadundo o quanto antes.

O Criadundo nada mais é do que um aproveitamento de módulo, mas dizer desta forma faz parecer que a associação é direta e instantânea. Logo na entrada, à direita, a estrutura que antes era de posto de enfermagem agora tem cara de lojinha. Prateleiras cercam toda a sala, forradas de sabonetes de canela e de velas de todos os

tamanhos, com motivos orientais ou cobertas de chita colorida. No canto esquerdo, um cabide exibe bolsinhas de piaçava e palha de vários modelos, ao lado das luminárias feitas com papel de tronco de bananeira, dos bancos de garrafa Pet e dos bloquinhos de anotação com papel reciclado. O cheiro doce e a fartura de cores não aparentam Juliano, mas as grades substituindo a janela grande denunciam o passado.

O que seria o refeitório com suas longas mesas e cadeiras sem encosto, no Criamundo é fábrica de sabonete e vela. Logo na entrada, um armário transparente deixa ver cinco prateleiras de delicados produtos em forma de animais, flores, corações ou retângulos simples. A professora Genair deixa nas paredes a lista das encomendas semanais e pede organização durante o processo, de modo que é raro ver o fogão sujo de parafina ou encontrar uma forminha sem uso fora do armário. A estrutura é simples: prateleiras, mesas, cadeiras, parafina, glicerina, formas de metal ou silicone, pavio em rolo e uma infinidade de corantes e perfumes para os mais variados "sabores" de vela e sabonete. No cantinho esquerdo, uma pequena infra-estrutura para fazer papel reciclado: um liquidificador industrial com suporte no chão, um refrigerador para armazenar a polpa do tronco da bananeira, soda cáustica para cozinhar a polpa, um caldeirão que ocupa quatro bocas do fogão, bastidores, corantes vários e casca de cebola e alho que vem direto da cozinha para texturizar o papel.

De volta ao pavilhão central, um longo corredor com quatro grandes salas, duas de cada lado. Antigos quartos de módulo agora são as oficinas de cestaria, reciclagem, informática e o descanso dos 15 colaboradores da ONG. Na primeira sala do lado direito, Candido, Leni e Binha tiram o papel já seco dos bastidores e transformam em matéria-prima para todos os produtos da oficina. Luminárias, arandelas e material de escritório - tudo feito com as folhas em tons de lilás, vermelho, mostarda, azul, rosa.

Na sala ao lado, do descanso, um armário ocupa toda a parede esquerda. Três fileiras, com cinco compartimentos em cada uma. Nem todos tem nome, mas tem chave e ninguém se atrapalha. Na segunda fileira, no primeiro armário à esquerda lê-se Maria José, ao lado, Clarice. Na fileira de baixo, os nomes aparecem na ordem Raimundo, Edilson, Aloísio, Candido e Barbara. Quase colada ao armário há uma estante repleta de livros empoeirados. *Fogo Morto*, *As Brumas de Avalon*, *Gêmeos não se amam* e *O misterioso Sr. Quin* são os pouco ficcionais nas mais de dez prateleiras. Ao lado, uma pilha de colchões azuis, desses de aula de yoga, muito procurados depois do almoço.

Quase em frente à estante, uma paisagem decora os azulejos brancos. Parece uma experiência com as mãos e tinta guache que fez surgir uma região montanhosa verde, palmeiras altas e um sol pintando de laranja o canto direito. É como um quadro que ocupa um sexto da parede, ou até menos, talvez representando falta de tinta ou inspiração para colorir o resto da superfície branca. Completando a sala, um espelhinho estreito e o banheiro feminino. Banheiro com cara de HOSPÍCIO, assim em maiúsculo. Todo à prova de surto.

As duas cabines do banheiro não tem portas, porta é arma na mão de doido. De um lado, um chuveiro de plástico só para não deixar o cano aparente, a parede meio quebrada, o chão amarelado. Do outro, um vaso sanitário sem tampa e uma pia de metal, imune a socos e pontapés.

E se falam que é um banheiro esquisito, Maria José, uma das colaboradoras, completa: no Juliano tudo é muito feio, mas a gente acostuma.

Na sala da oficina de informática são só quatro computadores, duas mesas grandes de madeira e, pendurado na parede, um desenho de um boneco em uma folha de papel pardo. O menino de hidrocor parece alegre com seu boné virado para o lado e tênis. A figura aparece esmagando um punhado de palavras: violência, desarmonia, orgulho, inimizade, tristeza, pobreza, miséria, lembranças do passado, doença. E pelo sorriso largo do boneco parece que vai tudo dando certo.

A oficina que envolve mais colaboradores é a de cestaria. A técnica, ensinada com o carinho da voz mansa de Pró Marilene, é uma espécie de tapeçaria usando piaçava e palha da costa, tudo bem amarradinho só com a força das mãos. O controle de qualidade é rigoroso e, se o acabamento solta um pouco na última fileira, não é estranho vir a tesourada da pró, desfazendo o trabalho do dia inteiro e provocando uma sucessão de bicos descontentes.

A estrutura é a mais simples de todas as oficinas: um balde de 20 litros com piaçava e outro com palha da costa e as mãos de Edilson, Maria José, Aloísio, Barbara, Clarice, Neide e outros colaboradores mais novos. E com pontos de pingo, de parafuso, de rede e tantos outros, surgem bolsas, porta lápis, capas térmicas para garrafa de cerveja, colares, passadeiras, jogos americanos e bolas decorativas.

Na maioria do tempo o que circula é um clima de paz e trabalho. Às vezes um grito muito forte vem da internação, mas estão todos muito ocupados em costurar mandalas, derreter parafina e enrolar com papel filme os mais de cinco diferentes tipos de sapinhos de glicerina.

O Criamundo tem som de conversinhas distraindo a cabeça enquanto as mãos vão ocupadas. Som do silêncio de Candido rasgando papel com estilete e régua, ouvindo música no fone de ouvido. Som da tesoura de Raimundo cortando, lentamente, pequenos retângulos de

plástico para enrolar sabonete de maracujá. Som das telhas estalando com menino em cima do telhado, buscando equilíbrio para empinar pipa. Barulho de risada de Edilson implicando um pouco com Aloísio e de suspiro com gosto de suco de graviola do lanche.

Os estudantes estão fascinados com os sapinhos com olhos de boneca grudados e, duas de cabelos curtos, cheiram todos os sabonetes que Raimundo calmamente embala. A cada frase de aprovação, o sorriso de Rai aumenta. Explica o processo de cada um e dita o nome do cheiro que uma não consegue identificar: mel.

"E tem esse de chocolate, de maçã, de morango. Esse daqui é de camomila, esse de erva-doce e esse de tutti frutti", fala apontando para a mesa. Os olhos que iam meio apagados se iluminam um pouco, mas Raimundo continua tão monossilábico quanto antes.

Outros estudantes ficam encantados com o mural colorido ao lado da direção. Diante do período eleitoral, muitos colaboradores e oficineiros resolveram manifestar sua opinião. Na metade de uma folha de ofício, Bárbara escreveu:

"Gosto do meu país democrático e do meu governador e não gosto do meu prefeito"

E Leni, com uma letra bem bordada completou:

"Qualquer que seja o candidato a ganhar, que venha o melhor para o Brasil. Em relação a nossa cidade, que o governo seja cada vez melhor em parceria com o presidente".

Clarice foi mais enfática. No pedaço quadrado de papel, desenhou a data, o nome e, em um círculo grande em letras de forma escreveu a frase:

"Política, não!".

Alguns jalecos brancos deixam o Criamundo com sacolas cheias de mimos. Vão, todos, mais sorridentes do que entraram. Os professores também riem mais pelo êxito da técnica de telejornal: o Criamundo amoleceu a visão de hospício. Assim, meio inebriados com o cheiro de maçã que agora carregam, encaram melhor as grades fechando às suas costas e o cheiro de urina e fumo de rolo no balcão do Portão do Meio.

Só para garantir, alguns levaram consigo uma das especialidades de Raimundo: barras de sal grosso para o banho.

Mariana Reis



Raimundo,
em três atos

Raimundo não tinha tomado seu remédio e repousava uns olhos meio bêbados. Olhos que não fitavam qualquer direção, qualquer objeto em específico. Não havia brilho, nenhum sinal de vida. Não que ele estivesse cansado. Também não era saudade. Não era raiva, ou dor, ou aquela apatia que abatem tantos nas segundas-feiras antes do almoço. Eram apenas olhos olhando o nada e o corpo pesado no canto da sala da oficina de cestaria.

A professora adivinhou o motivo da sonolência e chamou sua atenção como mãe descobrindo traquinagem. Pediu para ser aquela a última vez. Que tomasse o remédio que o ajuda a enxergar o mesmo mundo que ela. Raimundo a olhou, sem olhar e sem dizer, e seu corpo pendeu um pouco mais na cadeira.

O engraçado era ver que, ainda nesta manhã, ele sorria com vontade. Logo cedo, trazia nas mãos uma empada recém tirada do forno. A boca sorria muito. Os olhos é que sorriam nada.

Mas é a sua forma de ver a vida. E desse jeito, já passou dos quarenta. Perguntem das suas composições, dos ensaios da banda que participa. Perguntem da paixão que tem pelos instrumentos de percussão. A resposta é sempre um sorriso largo.

Agora era segunda-feira. Raimundo adormecia com os olhos meio abertos, flutuando no canto da sala lotada. Horas antes animado com a empada que enfarofava sua barba e com a vitamina de banana que engolia lentamente. Horas antes querendo partilhar cada gole, mastigando tudo, sorrindo tudo.

Quem o trata por Rai sabe que ele quer colo e vitamina de banana para engolir segunda-feira. Sabe que perdeu as contas de quantas vezes buscou tratamento em hospitais psiquiátricos, mas que hoje estampa o orgulho em acordar cedo para trabalhar em um deles.

Raimundo é quem, por volta das sete da manhã, recolhe as garrafas de café de quase todos os setores da administração do Hospital Juliano Moreira. Leva cada uma para a copa, no terceiro andar, com todas as recomendações particulares. Tem quem goste de café com açúcar e tem os das garrafas de café forte e amargo. Rai devolve uma a uma e recolhe os agradecimentos com carinho.

Talvez seja isso que o faz atravessar aqueles corredores. Ele é o moço gentil e meio esquisito que vai ao terceiro andar providenciar algo quente e reconfortante para encarar início de semana.

Raimundo é também o moço da pipoca nos dias das sessões de cinema do hospital. Antes de o filme começar, ele passa com a enorme bandeja de pipoca em seus saquinhos de papel. Os que as recebem sentem alegria de festa de criança, com suas pipocas quentinhas em embrulhos como aqueles. Quando as sessões não atingem a lotação máxima, os saquinhos sambam na bandeja sem achar dono. Então, Raimundo volta aos corredores e bate em todas as salas para dividir o gosto de aniversário de criança. Alguns separam moedas, sorriso e "muito obrigado" quando ele passa.

De forma que sempre sobra algum tempo com ele. Seja de café, ou de pipoca. Seja de música ou de vitamina de banana. Porque nem todos os dias ele é aquele par de olhos vazios no canto da sala de Pró Marilene.

As encomendas não param de chegar e a professora Genair cobra mais agilidade de Raimundo. Os sabonetes artesanais de glicerina são muito procurados nas feiras que o Criamundo participa e todas as semanas surgem novos modelos. Os clientes também fazem suas encomendas, mas sapinhos e corações estão no topo da lista.

Todo o processo de fabricação é alquimia, também pensar menos mágico faz a glicerina desandar. Por isso, deve ser a oficina mais silenciosa. Todos muito concentrados em cada uma das etapas.

O primeiro passo é cortar a base glicerinada em cubos. Parece mesmo uma barra de doce transparente, ou leitoso, muito vulnerável a uma mordida. Resistindo à tentação, Raimundo derrete os cubinhos na panela branca esmaltada, um pouco castigada pelo excesso de uso, e em menos de 10 minutos o que se vê parece água. É a hora de juntar um pouco de glicerina líquida e o lauril, que garante uma boa quantidade de espuma.

Uma base está pronta.

A magia começa nos frasquinhos de plástico com jeito de colírio. São eles que guardam as cores e os cheiros do que é ainda sopa de glicerina. Azul Royal, Verde Bandeira, Verde Folha, Verde Musgo, Chocolate, Amarelo Canário, Amarelo Ouro, Laranja, Vermelho Vivo, Vermelho Morango, Rosa, Pink, Uva, Lilás e Azul Turquesa para colorir. Basta adicionar as essências nas opções Abacaxi, Alfazema, Aloe Vera, Aveia, Camomila, Canela, Chá Verde, Chocolate, Erva Doce, Flor De Laranjeira, Jasmim, Lavanda, Maçã Verde, Mel, Melancia, Morango, Patchouly, Rosas e Tutti Frutti para o Juliano celebrar o fim do tédio.

Os movimentos vigorosos na panela de água colorida e cheirosa fazem saltar a cicatriz na mão direita de Rai. Um descuido com vidro que quase levou o tendão do dedo médio. Não há tempo para mais detalhes. Assim que a mistura engrossa é hora de derramar o mingau

colorido nas formas de silicone nas diferentes versões de flores, bichinhos, corações de todos os tamanhos, favos de mel e frutas.

E o tempo faz o resto, espalhando no ar o carinho que veio das mãos de Raimundo.

Os bichinhos recebem pequenos olhos de boneca. Daqueles plásticos que ficam girando na órbita. Basta pressioná-los com força que o sabonete faz sua parte, acolhendo os olhinhos.

A última etapa é a de embalagem, quando enfim o que era glicerina ganha um "ar de produto". O sapinho que carrega um filhote nas costas pula da forminha de silicone em um simples toque. Com delicadeza, Raimundo tira as sobras de sabonete com uma leve pressão do polegar.

Corta o papel filme em pequenos retângulos com a ajuda da tesoura. Posiciona o sabão no centro, com o fundo voltado para cima. Puxa com segurança cada borda, esticando bem. O segredo está na força aplicada. Se for pouca, a embalagem fica folgada - com o sabãozinho sobrando no meio. Muita força põe o trabalho a perder. É a fase crítica, geralmente a única em que Raimundo fala.

Então, se o plástico lasca, lá se vai uma "porra" sonora e o trabalho começando novamente do zero. Mas o que se vê no homem de 45 anos é muita paciência e dedicação. Qualquer interesse pela beleza do seu trabalho o faz puxar uma cadeira e explicar compenetrado qualquer das etapas. Raras são as vezes em que puxa outro assunto.

Como a vez em que contou como conheceu Ivete Sangalo. Raimundo não perde nenhuma excursão do Juliano e num dias desses em que entrou no ônibus dos usuários conheceu sua musa. Estavam todos na praia de Buraquinho, no final de 2009, quando ele a avistou. Os seguranças o empurraram, mas a cantora se apressou em falar com ele. E olhos brilham ao vê-lo lembrar a frase.

"Eu disse: Ivete, sou seu fã. E ela me abraçou. Nunca vou esquecer", completou enquanto enrolava uma margarida.

O amor por Ivete só não é maior do que pelo cantor Amado Batista. Nem saberia dizer a música preferida, mas no meio do expediente, certa vez, cantarolou de um jeito tímido a música "Secretária":

Ela chega tão meiga e tão bela.
Puxa as cortinas e abre as janelas,
Sempre com a mesma delicadeza.

E depois na sua sala ao lado
Atende o telefone e anota os recados,
E coloca sobre minha mesa.

Está sempre muito sorridente
Trata bem todos meus clientes,
Para ela não há sacrifício.

Porém meu coração não quer entender,
O que ela faz com tanto prazer
É um dever do seu ofício.

Depois da música, novamente o silêncio. Com a sorte de a embalagem não ter rompido, ele une as pontas no centro e corta o excesso de plástico.

Completa todo o trabalho com a parte mais encantadora do processo. Raimundo põe os sapinhos azuis de pé e pressiona lentamente suas cabeças, sacudindo-os da direita para a esquerda. A técnica é para colar melhor o papel filme no sabonete. Mas bem parece um baile animado, com os olhinhos de boneca rodopiando sem parar nas caras simpáticas dos bichos.

No momento em que os embala, é comum que Raimundo cheire os sabonetes. Natural também que venha o orgulho terno diante do elogio, o sorriso branco e a frase um tanto comprida para ele:

"Só faço coisa cheirosa".



Raimundo está segurando o microfone, mas a voz vai muito insegura nas primeiras frases. Os colegas do Criamundo foram liberados mais cedo só para vê-lo tocar seu timbau na tarde de sexta. É 15 de outubro e dia de festa no Cena, suco amarelo e mini-pastel de forno. É dia especial e ele vestiu sua camisa de botão mostarda com listras marrons, a calça cinza de brim e a sandália fechada de couro.

Na fachada do hospital lê-se "Outubro em Festa", logo em frente à outra que diz "Bando Flores da Massa", enrolada em duas vassouras. No gramado há uma bateria, dois homens segurando suas guitarras, um que toca o bumbo, outro escondido com seu triângulo e mais um chacoalhando a meia-lua. Uma mulher de vestido estampado em azul e roxo e fivela no cabelo está escondida atrás de uma palmeira. Parece fazer parte da banda.

Raimundo que permanecia no fundo, tocando o timbau preso no chão, tem agora o microfone nas mãos. Mas, justo agora, ali na frente de todas aquelas pessoas, sua voz oscila.

Os amigos cruzam os dedos e em silêncio parecem fazer pequenas e informais preces. "Para a voz dele desenrolar, meu Senhor".

Lentamente, a plateia vai distinguindo as palavras. E as frases. E é música. Podem garantir que o que sai do microfone agora é música. As testemunhas afirmariam, sim, que Raimundo está cantando versinhos que vão mais ou menos assim:

Não vá, menina linda.

Te quero tanto bem.

Se você for, menina linda.

Eu vou chorar.

Não há mais tensão na voz. E os versinhos, repetidos umas três ou quatro vezes, o tornam muito mais que homem. Foi Raimundo quem teve a ideia da música, que a decorou e a digitou na aula de informática. Ele que segurava o microfone entre as mãos e cantava a música que era a sua para a plateia sentada em círculo nas cadeiras plásticas. Era ele que segurava o microfone, que ditava o ritmo, que determinava as frases que saíam da sua boca.

Era o chefe, o comando, o artista, o poeta.

Enquanto Raimundo cantava, Ceninha comia atento o pastelzinho de frango que deixaram cair no chão. Depois de duas longas dentadas, não sobrou mais que lembrança e o vira-lata foi buscar cafuné nos pés dos psicólogos que ouviam a banda tocar. Deitou na grama e bocejou longamente, parando um pouco para aproveitar a música.

Alguns dos presentes ao show no Cena levantavam, sem muito alarde, para tirar fotos. Uma menina com corpinho de menos de 20 carregava uma filmadora e uma cara de estagiária. Estagiária de psicologia, poderiam apostar. E calçava lindas sapatilhas vermelhas, como uma bailarina.

Raimundo cantou, cantou, repetindo tudo. E, no fim da música que era a sua, conferiu rosto por rosto, deixou o microfone, ouviu os aplausos e foi colher carinho na plateia. Cinco segundos eternos. Tempo mais que suficiente para ser chefe, comando, artista, poeta, músico, percussionista, compositor, Raimundo.

Os colegas que dividem o Criadundo com ele estavam mais confortáveis na cadeira, afinal Rai tinha segurado o microfone e cantado, sem vergonha, a sua música no meio de toda aquela gente. E acharam muito bonito, tudo. Tudo era bonito, a música, o microfone, o Bando Flores da Massa, o gramado verde, as pessoas dançando em volta, os meninos soltando pipa ao redor.

Raimundo com o sorriso muito branco abraçou um amigo perguntando "você ouviu minha música, você gostou da minha música?".

Tocou em muitas mãos e voltou ao microfone. As meninas do Criadundo queriam que ele revelasse quem era a musa inspiradora da canção. Ele, muito charmoso, disse que eram todas elas.

Todas, meninas lindas.

Mariana Reis



Barbara, a guia

Em um 21 de outubro, Barbara anotava as vendas no caderninho de capa marrom. A mão trêmula bordava com esforço as letras na página gasta. A lista ia mais ou menos assim:

porta-lápis reciclado	R\$ 7,00
vela coração (grande)	R\$ 5,00
três bloquinhos	R\$20,00 (fiado)

Estava a quase oito horas cercada de luminárias, velas, flores de fuxico, bloquinhos de papel reciclado e sabonetes de glicerina. Espalhados nas mesas plásticas forradas de tecido verde, os sapinhos de Raimundo chamavam atenção. As cores, a toalha verde e as flores que subiam até o alto da cabeça de Barbara pintavam um quadro alegre e muito colorido.

O stand fica sempre posicionado à esquerda de quem entra pela recepção principal do Juliano Moreira e as dezenas de sapinhos de todas as cores sorrindo funcionam humildemente como as "boas-vindas".

O excesso de aromas irrita alguns narizes desavisados e não são raros alguns espirros pelos corredores. Mas é apenas estranheza diante do marasmo que é cheiro de Juliano.

Barbara é a mulher com fortes traços indígenas de cabelos longos e muito lisos, sempre amarrados em coque. A esperteza a faz conseguir o que quer munida apenas de sorriso. Ela é uma dessas vendedoras natas e se diverte completando o caderninho de vendas com suas listas.

Contando com esse ano, já se vão sete dedicados ao Criamundo e a rotina só muda quando ela tem que montar o stand - algo que confessa não gostar muito de fazer. Barbara gosta é de estar em grupo, tecer sua cestaria, contar baixinho suas histórias. Parar para o almoço, descansar um pouco, recomeçar o trabalho. Lá embaixo, só tem a companhia das flores perfumadas e dos sapinhos, o sono bate e ela tem de levantar para lavar o rosto.

Nos dias em que tem de trabalhar no stand fica contrariada, sempre franzindo um pouco a testa. Enche as caixas enormes de papelão com suas peças e dos amigos, envolvendo tudo com o carinho do plástico bolha. Aloísio, Raimundo ou Edilson ajudam a colocar tudo no carro do Criamundo e vão empurrando dois andares abaixo para a recepção.

O processo é sempre o mesmo: descarregar as caixas, montar as mesas plásticas, forrar com toalha verde bandeira, desenrolar um a um os produtos, espalhar por sobre a mesa. Sorrir, responder de que é feito, explicar as técnicas, identificar os cheiros, convencer, conseguir, anotar no caderno da capa marrom, guardar o dinheiro na caixinha reciclável, passar o troco, o sono, a água fria no rosto.

Ela sabe que tem talento. Se alguém ronda muito sua banca, pergunta demais e cheira sem parar os sabonetes sem levar nada ela dispara um "se você continuar cheirando tanto essa flor, vai ter que levar ela pra casa". E a doçura com que as palavras saem faz a pessoa, invariavelmente, desabar em sorriso.

Barbara é boa também em cobrar os "fiados". Brinca que por mau pagador é capaz de descobrir endereço e bater na porta da casa para saldar a dívida. Nem que seja no final do mês, do lado da lista ela vai conseguindo desenhar "pago" na relação dos devedores.

E, quando chega o fim do dia, voltando com a caixinha cheia e o caderno marrom rabiscado em uma longa lista, ela se enche de orgulho:

"Sou uma ótima vendedora".

Só que naquele 21 de outubro Barbara estava aborrecida. Uma funcionária do hospital tinha desdenhado do trabalho exposto nas mesas forradas de tecido Kami verde e, por descuido ou por maldade, chamou Barbara de mercenária.

A palavra ficou rodando a tarde inteira, acima da cabeça da mulher atrás do stand. O sentimento de estar ali apenas cumprindo ordens apertava ainda mais o peito. Era ela que tinha de chegar antes das oito da manhã, encher as caixas de papelão, esvaziar as caixas de papelão, sentar os sapinhos de glicerina na toalha verde, anotar no caderno marrom e, no fim de oito horas, entregar a caixa de dinheiro nas mãos de Ivana. Não, ela não era mercenária.

Barbara não conseguiu se defender, mas anos de Juliano não ensinariam a lidar com as senhorinhas que desfilam mau-humor pelos corredores. Um olhar e lá vão elas desandando as boas iniciativas, apodrecendo as coisas que tocam.

A nuvem se desfez.

Um rapaz bonito se aproximou de Barbara depois de deixar a reunião de psicologia que acontecia no auditório. Chegou encantado com o mar de flores de todas as cores e cheiros. Ela gostou dos olhos celebrando o trabalho que fez com as próprias mãos e explicou as técnicas, ditou os aromas, cantou os preços.

Ele disse que voltaria.

E, assim, desconcertada como adolescente escondendo primeiro beijo, ela sussurrou:

"Acho que ele estava dando em cima de mim". E sorriu, com os olhos voltados para o chão.



Quando os estudantes de jaleco branco aparecem empilhados na grade do Criamundo, é o nome dela o primeiro que se ouve. A tartaruga de papel reciclado que os resgata da ala dos crônicos os coloca também dentro da rotina de Barbara. A aglomeração espera por alguém que quebre a acomodação dos estudantes ainda encostados na grade, só que agora pelo lado de dentro. Ela ouve seu nome e vem balançando o crachá de "colaborador (a)" pendurado no pescoço.

É ela, Barbara, a guia do Criamundo.

Difícil precisar como ela recebeu a função, o fato é que bastam os jalecos passarem pelo corredor que ela é a primeira a ser acionada.

"Ei, Barbara, visita".

Não que venha com uma cara muito amistosa. Barbara gargalha mais é quando vai ajudar Clarice a moldar as velas e acabam as duas perdidas nas besteiras de amizade boa. Depois do grito lá do portão, ela chega com a sobrançelha levemente arqueada e caminha, apressada, para mostrar todas as oficinas nas imensas salas do Criamundo.

Não que dispense a educação ou o faça meramente por questão burocrática. Basta uma mulher de cabelos curtos, estudante de enfermagem, demonstrar interesse pelas etapas de fabricação de papel reciclado que ela se deixa levar genuinamente em explicações.

A folha vermelho-vinho secando no bastidor é arte de Leni e Candido. Foram eles que cortaram com pouco de força e muito de jeito os troncos da bananeira. Foram eles que fizeram tronco de bananeira virar esse papel bonito. A planta, em si, já é mais que obra de arte. Sucessivos espirais em tons de marfim e rosa, que são fatiados pelas mãos habilidosas dos artesãos, vão para o fogo com soda cáustica e depois para o liquidificador industrial. Por fim, adicionam cascas de alimentos para dar um aspecto mais rústico ao papel. A pasta, agora colorida e perfumada, vai passar tempo nos bastidores, enquanto seca pacientemente.

Barbara explica tudo nos detalhes mais específicos. E mostra o papel pronto, em forma de bloquinho de anotações. Os estudantes seguram o bloquinho enrolado com papel celofane transparente e um feixe de palha da costa. Alguns estão visivelmente encantados.

"Fui eu que arrumei", completa Barbara, muito orgulhosa.

O Homem da Cabeça de Olho



Um fado chamado
Zezé

Maria José é um fado. Denso, doce, triste. Ela é propriamente aquela canção que as manhãs trazem, primeiro pulso silencioso, depois cadência firme. Tudo nela é intenso, quando fala de dor, de passado ou de afeto.

Amália Rodrigues, a cantora lisboeta, se a tivesse conhecido diria: o "fado dos fados" é essa Maria.

A canção é a que diz:

Naquele amor derradeiro
Maldito e abençoado
Pago a sangue e a dinheiro
Já não é amor, é fado

Quando o ciúme é tão forte
Que ao próprio bem desejado
Só tem ódio ou dá à morte
Já não é ciúme, é fado

Canto da nossa tristeza
Choro da nossa alegria
Praga que é quase uma reza
Loucura que é poesia

Um sentimento que passa
A ser eterno cuidado
Em razão duma desgraça
E assim tem de ser, é fado

Um remorso de quem sente
Que se voltasse ao passado
Ficaria novamente
Já não é remorso, é fado

E esta saudade de agora
Não de algo bem acabado
Mas as saudades de outrora
Já não é saudade, é fado

Quando conheci Zezé era uma sexta-feira e o Juliano estava preguiçoso. O ano de 2008 já passava da metade e a minha pauta era colher informações sobre o Criamundo e tentar encaixar a organização no boletim interno que corria, de mão em mão, pelos setores do hospital.

De certo, Barbara não estava. Ela que avançaria junto comigo, no passo ligeiro, pelas oficinas de velas, sabonetes e de cestaria e, no final, provável que eu fosse bem persuadida a levar um presente para casa. Ou dois.

Não era Barbara.

Quando gritei "ô de casa" e Ivana veio me tirar do corredor dos crônicos, a guia não era ela. Ainda lembro as palavras:

"Tem uma pessoa boa para explicar tudo isso aqui, Mariana". Echamou o nome tão gritado que a carinha redonda despontando da sala de Pró Marilene pareceu muito assustada. A primeira coisa que pensei foi que Ivana tinha razão. A mulher baixinha, cabelos ralos presos pela passadeira de palha, nariz esparramado e dedos miúdos e grosseiros tinha mesmo jeito de "pessoa boa".

A segunda impressão também foi instantânea:

"Essa mulher tem cara de avó", pensei sem falar.

O tour padrão pelo Criamundo acabou se estendendo. Uma hora. Duas, três horas. Quatro horas, ou mais. Acabamos sentadas, sozinhas, na sala de reciclagem flutuando nos sonhos de Zezé, ouvindo histórias galegas, rindo do seu mau-humor irritante.

Nas mãos muito pequenas, Maria José ia tirando as provas da sua fantasia de dentro das sacolas plásticas que carrega para todos os lugares. Se falava dos quase dez anos que viveu em um vilarejo distante de Madri poucos quilômetros, as histórias voavam sem limite. E, quando tudo pareceu muito fantástico para ser considerado "real", ela sacou o caderninho de páginas gastas. A minha boca abriu um pouco: a Espanha de Maria José estava toda em minhas mãos, com seus telefones, calles e os nomes dos amigos escritos com a letra miúda.

Não era uma entrevista. Era mais uma pessoa calada, apenas ouvindo muito presa à cadeira, atenta aos rumos mais inesperados que a história toda ia assumindo. Normalmente, as pontas nunca se fechavam, mas Zezé também não é o tipo de pessoa que responde a perguntas feitas. De forma alguma. E, se o faz, certamente não é com as respostas esperadas. Zezé tem seu ritmo particular e segue apenas a sua lógica.

Para contar a história da pernambucana que hoje trabalha em um hospital psiquiátrico de Salvador é preciso, primeiro, pedir licença a ela. Vou tentar cantar Zezé do seu jeito, ainda que me perca no meio da cantoria. Tomo novamente emprestado o verso de Amália.

E que Zezé seja lembrada como:

Canto da nossa tristeza

Choro da nossa alegria

Praga que é quase uma reza

Loucura que é poesia

Maria José nasceu no interior de Pernambuco, numa cidade pequena com cheiro de cana-de-açúcar. Era uma casa muito simples, irmãos, uma mãe e um pai que metia medo.

Quando a loucura a pegou, tinha treze anos. O pai que metia medo morreu, mas era pai e doía. Maria José sentia dor de cabeça, mordía, puxava os cabelos. Doía aquela casa, aquela cidade triste com cheiro de cana-de-açúcar.

A irmã mais velha a carregou dali. A casa agora era numa cidade de nome bonito, lá na Bahia: Senhor do Bonfim. Tinha estudo, tinha namoro na praça. Fazia de tudo, menos abrir as pernas. Depois foi deixando aos poucos, mas amor mesmo não sabia o que era.

Renato apareceu. Agora tinha certeza que amor era. Veio o casamento, veio Renatinho, seu primogênito. Era bom, mas foi minguando. Minguando até não ter mais. Maria José vestiu Renatinho, separou suas coisas e foi mudar seu destino.

Parou em São Paulo, onde tinha emprego, cor cinza e cheiro de fumaça. Foi ser garçonnete em um restaurante simples, achou até que foi na Mooca. O dono implicava com ela. Implicava muito. E de tanta implicância acabaram marido, mulher e Renatinho.

Sérgio era homem bom, afinal aceitou pacote completo: Maria e o menino que já veio pronto com nome de outro. Fizeram juntos mais um menino, mas Zezé não fala muito o nome dele. Sei que trabalharam com vigor, serviram comida, encheram copos com cachaça, lavaram cozinha. Era hora de trocar de destino mais uma vez.

A Europa, o sonho.

Mudaram para um vilarejo próximo a Madri, onde vivia a família de Sérgio. E tinha trabalho, tinha gente falando engraçado, tinha música, tinha dança e alegria. Era sonho, era até mais que sonho. Maria logo se apaixonou pela melancolia bonita do fado. E aprendeu rápido a dançar a sevillana, acabando a noite, chegando o dia, o copo cheio de whisky e coca-cola.

Continuava no comércio com o marido, mas de repente passou a encontrar uma mercadoria esquisita no estoque. Sérgio começou a colocar porcaria dentro de casa. Maria José descobria os papélotes de cocaína, lascava os pacotes e dava descarga até não sobrar nem farelo. O marido foi ficando violento, Maria cedeu. A loucura a pegou de novo.

Loucura de ópio, de pó, cada dia mais de whisky, menos de fado, mais de tristeza. Ficou louca, louca. Não sabe como, não sabe como. Bateram na porta. Queriam era matar essa Maria. Desespero. Ninguém sabe quando, a Espanha não quis mais Maria José. A Espanha a jogou num navio, igual bicho que vem se batendo na jaula. Era pior do que se fosse um cachorro, jura, era muito pior. Deram um papel convidando-a a tirar os pezinhos podres daquela terra.

Ninguém sabe quem foi. Mataram Sérgio. Louca, louca. Gastou o dinheiro todo para pagar detetive para descobrir quem foi o calhorda. Ninguém descobriu, o dinheiro acabou. Ela mesma levou o corpo do marido para o funeral. Bateram na porta, perguntaram se era casa de Maria de Sérgio. Iam pegar ela, ela tem certeza. Tinha chegado sua hora. "Não, meu nome nem é Maria". Conseguiu fugir de tudo.

O navio maldito a trouxe para Salvador. Era tristeza demais. Os filhos longe, Sérgio morto. Louca, louca. Uma tristeza louca. Acha que era depressão, angústia, as unhas roídas até a carne, hospital psiquiátrico. Perdeu as contas. Quantas vezes usou o uniforme?

O irmão cuida dela agora. Vive é no porão, isso sim. Ela acha que ele bem que podia fazer um agrado, levar ela para passear. Não leva. Ela fica é fazendo crochê, vendo tempo passar. Batendo na porta de um para cobrar o paninho fiado, brincando com Xuxo, o único cachorro que gosta na vida, afinal até Ceninha rosna um pouco para ela.

Hoje, vive reclamando. "Espanha, São Paulo, Pernambuco, será que foi tudo invenção da minha cabeça?", repete sem parar.

E reclama, reclama todos os dias, sem pular um. Que doem as costas, que incomoda a unha encravada do dedão do pé direito. Que os filhos continuam pela Espanha e ela está agoniada pela falta de contato com eles. Mas, para e dá de ombros. Diz que foi mais tratada

como chocadeira do que como mãe. E volta a reclamar de que um dia foi meningite, agora é virose, uma dor de cabeça. O corpo é que deve estar apodrecendo. Estala os dedos e resolve logo seu destino: vai é virar múmia.

Zangada porque se dizia quase cega, comprou óculos novos de aros grossos e três corações nas laterais. A dona da loja está devendo R\$100,00 das muitas encomendas que fez de seus paninhos bordados, seu crochê, seus sabonetes e bijuterias. Nem pense que Maria José não dá seu jeito, mas fica é danada com viagem perdida. Bateu na casa da fulana e nada de dinheiro. Só a conversa mole, de vendas poucas, de caixa vazio. A mulher se apressou em chamar Zezé para almoçar. Ferveu um feijãozinho velho, uma farinha seca, uma cara de necessidade.

"Eu vi que era treta, que esse golpe é do tempo do mundo. Vou parar de cobrar? Ela esquece que eu sou é macaca velha", e sorriu o primeiro sorriso do dia com seus olhos de avó bem apertadinhos.

A saudade da Espanha está até no jeito em que Maria José fala, no meio da frase soltando uma palavra em espanhol. Ou lá no fim, o olhar meio confuso e a pergunta "como se diz mesmo em português"?

No fado que é Zezé, a Espanha deve ser esse verso:

E esta saudade de agora
Não de algo bem acabado
Mas as saudades de outrora
Já não é saudade, é fado

Logo depois da nossa primeira conversa, desconfiei que a saudade doída combinasse com música bonita. Foi então que tive a ideia de copiar um dos meus álbuns favoritos, "Fina Estampa", metade em espanhol, metade em português, de Caetano Veloso. Uma capa colorida, a dedicatória escrita no CD, a assinatura "Mari".

"Obrigada, Marina, não paro de ouvir seu presente. Acho que o disco vai furar dia desses", disse animada.

"É Mariana, Zezé", respondi.

"É, eu sei. Mariana, eu sei".

Não adiantou muito. Era só cruzar com ela pelos corredores que ela metia a mão na sacola plástica e tirava um novo presente. Assim foram sapinhos de sabonete, uma vela de três camadas, um colar de fita nas cores da bandeira brasileira e, no Natal, quando ganhei uma bota de papai-noel e uma guirlanda de sabão.

"Ei, Marina, já te dei uma passadeira igual a minha de palha? Vou fazer uma para você".

"Marina já fiz o anelzinho que te prometi?".

Os anos foram passando e parei de corrigir Zezé. Eu era Marina e ela era Maria José, igual à filha de Leonídia, lá do começo dessa história.

E no dia em que a acompanhei até o armarinho ao lado do Juliano,

fomos de braços dados. Ivana tinha dado o dinheiro para ela comprar mais um tubo de linha azul. Precisava terminar a colcha de crochê que fazia para o Criamundo. Na loja, todos sabiam o nome dela. Ela se apressou:

"Essa aqui é Mariana, minha sobrinha-neta".

Passamos de volta pelo portão do Juliano, pelos corredores da antiga emergência. Olhei para a parede amarela e o homem da cabeça de olho continuava vigilante. Subimos a escada ao lado do Portão do Meio, dobramos à esquerda depois da cozinha que estava sem cheiro. Marco Antonio abriu a grade da ala dos crônicos. Apressamos o passo e Aloísio veio com a tartaruga de papel nas mãos nos colocar para dentro.

Voltamos para a oficina de cestaria com todos os risinhos e as conversinhas ao redor. Maria José tirou da sacola um embrulho transparente com pequenas estrelas desenhadas. Era mais um dos seus presentes. Desta vez, um par de brincos também feitos por ela. Cascvalho, bolinhas brancas e uma conta verde para dar acabamento e uma alegria à peça neutra, segundo a explicação dela mesma.

Retribui o carinho com um beijo estalado na sua bochecha esquerda. Mas o beijo saiu meio torto e acabei chegando muito perto do seu ouvido.

Com o ouvido zunindo, sem parar, ela reclama com a testa franzida:

"Ai, ai, ai, Marina. Assim você me deixa surda".

Agradeço

A Roza Reis, por acompanhar cada linha escrita, cada capítulo, chorando e rindo com sua imparcialidade de mãe.

A Paulo Reis, por sempre esperar "ansioso pelos próximos capítulos ou próximos personagens" e pelo carinho do seu "vá em frente".

A Juca, pela amizade e compreensão, estando sempre presente nas inúmeras fases que acompanharam esse livro e nas outras que a vida nos carrega.

A Graciela Natansohn, pelo interesse de cruzar a cidade só para ver de perto o Juliano dessa história.

A Washington Falcão, por dedicar seu tempo a visualizar, editar e materializar esse trabalho. Muito obrigada.

Ao professor Leandro Colling, por ter me apresentado à corrente do Jornalismo Literário, deixando minha profissão muito mais bonita.

A professora Ana Maria Jatobá, pela paciência quase maternal, povoando meu pensamento com as primeiras perguntas que geraram esse livro.

A direção do Hospital Juliano Moreira, na figura de André Furtado, por nunca ter fechado para mim as portas desse mundo tão diverso e apaixonante.

A direção do Criamundo, especialmente Ivana, Genair e Marilene, pela confiança de me deixar circular semanas seguidas em um lugar que é de trabalho e não ponto turístico.

A Marta Restrepo, por ter acreditado nesse projeto e pelo encorajamento durante o processo, entre um cigarro e outro.

A Daniel, pela proteção e amizade indescritíveis e por provar que ainda é possível encontrar doçura nas situações mais adversas.

Aos amigos do Juliano, especialmente Aline, Osvaldo, Débora, Gemima, Priscila, Geovane, Jeremias e Rato, pelo conforto nas horas de aflição, pelas risadas durante o almoço e pela força para acordar e ir trabalhar em hospital psiquiátrico.

A Zezé, pelos presentes, pelo carinho e por entregar sua vida ao meu olhar e meu querer. Só por ela, escreveria um livro.

A Raimundo, Barbara, Clarice, Aloísio, Edilson, Neide, Leni e Candido pelas longas tardes de conversa fiada, por me explicarem com paciência o trabalho bonito de suas mãos e por me deixarem fazer parte da história.

A Carla, por traduzir as estantes do Memorial Professor Juliano Moreira em belos livros e imagens que auxiliaram durante todo o processo.

O Homem da Cabeça de Olho

Aos amigos psicólogos, Isabela Ledo e Guilherme Alves, por terem colocado na roda os milhares de questionamentos que um jornalista poderia deixar escapar.

A Isabel Martinez, primeira chefe, agradeço por ter me trazido pelas mãos para conhecer o Juliano e por ter partilhado o fazer jornalístico e amizade, sempre na mesma medida.

Referências Bibliográficas

BARNES, Mary; BERKE, Joseph. **Viagem através da Loucura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. Ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

EARLEY, Pete. **Loucura - a busca de um pai no insano sistema de saúde**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2009.

FACCHINETTI, Cristiana. **As Insanas do Hospício Nacional de Alienados (1900-1939)**. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000500012&script=sci_arttext>. Acesso em 01 de julho.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1972.

FRAGA, Myriam. **Leonídia, a musa infeliz do poeta Castro Alves**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2002.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Editora Manole, 2003.

MITCHEL, Joseph. **O Segredo de Joe Gould**. São Paulo: Companhia das Letras, 1964.

MOSE, Viviane (org.). **Reino dos Bichos e dos Animais é o meu**

Nome/ Stela do Patrocínio. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo investigativo - o fato por trás da notícia**. 1. ed. São Paulo: Summurus Editora, 2005.

VILASBOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

Este livro foi impresso
na fonte Goudy Old Style,
miolo em papel Pólem 90g.
capa em papel Couchê 230g.
EGBA
Salvador - Bahia
novembro de 2010